Niterói, Universidade Federal Fluminense
ISSN 15177793 / 26748126 (eletrônico)
GEOgraphia, vol: 28, n. 61, 2026
DOI: 10.22409/GEOgraphia2026.v28i60.a73141

# DESAFIAR O URBANISMO PARA APRENDER COM OS SUBÚRBIOS
## RESENHA | *SLADE, A. (2025) APRENDENDO COM OS SUBÚRBIOS CARIOCAS. RIO DE JANEIRO: RIO BOOKS. 188 P.*

**Frank Andrew Davies** [1]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Enviado em 4 set. 2026 | Aceito em 18 out. 2026

**Resumo:** Esta resenha analisa o livro *Aprendendo com os subúrbios cariocas*, de Ana Slade, destacando sua contribuição para a valorização de práticas cotidianas de produção do espaço nos subúrbios do Rio de Janeiro, especialmente nas relações entre moradia, trabalho e rua. Ao mesmo tempo, problematiza os limites dessa proposta ao mostrar que tais práticas permanecem, em grande medida, traduzidas por categorias e finalidades próprias do urbanismo. A discussão articula a historicidade da categoria "subúrbio", a crítica às hierarquias de produção do conhecimento urbano e a noção de geosofia, formulada como possibilidade de deslocamento epistemológico. Ao final, propõe que aprender com os subúrbios implica não apenas incorporar suas práticas ao repertório disciplinar, mas também permitir que elas interroguem as próprias categorias por meio das quais a cidade é conhecida e representada.
**Palavras-chave:** subúrbios cariocas; conhecimento urbano; geosofia; produção do espaço.

### CHALLENGING URBANISM TO LEARN FROM THE SUBURBS: SLADE, A. (2025) *APRENDENDO COM OS SUBÚRBIOS CARIOCAS*. RIO DE JANEIRO: RIO BOOKS. 188 P.

**Abstract**: This review examines Ana Slade's *Aprendendo com os subúrbios cariocas*, highlighting its contribution to the recognition of everyday practices of space production in Rio de Janeiro's suburbs, particularly in the relationships between housing, work, and the street. At the same time, it discusses the limits of this proposal by showing that such practices remain, to a large extent, translated through categories and purposes specific to urbanism. The discussion connects the historicity of the category "suburb," the critique of hierarchies in the production of urban knowledge, and John Kirtland Wright's notion of geosophy as a possible epistemological shift. It argues that learning from the suburbs entails not only incorporating their practices into the disciplinary repertoire, but also allowing them to question the very categories through which the city is known and represented.
**Keywords:** Rio de Janeiro suburbs; urban knowledge; geosophy; production of space.

### DESAFIAR EL URBANISMO PARA APRENDER DE LOS SUBURBIOS: SLADE, A. (2025) *APRENDENDO COM OS SUBÚRBIOS CARIOCAS*. RIO DE JANEIRO: RIO BOOKS. 188 P.

**Resumen:** La reseña analiza el libro *Aprendendo com os subúrbios cariocas*, de Ana Slade, destacando su contribución a la valorización de las prácticas cotidianas de producción del espacio en los suburbios de Río de Janeiro, especialmente en las relaciones entre vivienda, trabajo y calle. Al mismo tiempo, problematiza los límites de esta propuesta al mostrar que dichas prácticas siguen siendo, en gran medida, traducidas mediante categorías y finalidades propias del urbanismo. La discusión articula la historicidad de la categoría "suburbio", la crítica a las jerarquías de producción del conocimiento urbano y la noción de geosofía, formulada por John Kirtland Wright, como posibilidad de desplazamiento epistemológico. Se sostiene que aprender de los suburbios implica no solo incorporar sus prácticas al repertorio disciplinar, sino también permitir que estas interroguen las propias categorías a través de las cuales la ciudad es conocida y representada.
**Palabras clave:** suburbios cariocas; conocimiento urbano; geosofía; producción del espacio.

1. Doutor em Ciências Sociais, Sociólogo e Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com atuação no Departamento de Turismo, Programa de Pós-Graduação em Geografia e Especialização em Sociologia Urbana. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7340-627X. E-mail: frank.davies@uerj.br.

Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional.

*Aprendendo com os subúrbios cariocas* anuncia algo que deve ser levado a sério. A proposta provocadora de Ana Slade é deslocar o olhar urbanístico de uma suposta posição normativa, que enquadra os territórios populares como carentes e desajustados, para uma atitude capaz de reconhecer formas de inteligência espacial no cotidiano da cidade. Para esse movimento interpretativo, a fronteira entre a casa e a cidade se torna lugar privilegiado: morar, trabalhar, vender, produzir, circular e sociabilizar são práticas que interseccionam arquiteturas e desafiam a separação funcional na qual persiste boa parte do urbanismo moderno. A pergunta central do livro, portanto, é promissora: o que os subúrbios cariocas podem ensinar aos projetos, leis e planos da cidade?

Esta resenha parte da leitura de que o livro logra algum aprendizado com os subúrbios cariocas, sem, contudo, abrir mão dos preceitos do pensamento urbanístico como diretriz de gestão da vida na cidade. As práticas suburbanas são percebidas com atenção e respeito, porém o que as torna legítimas são aspectos dependentes de tradução para categorias e finalidades do urbanismo. Nesse sentido, o que muda é a avaliação do objeto, sem efetivos ajustes nos regimes de conhecimento que sustentam o raciocínio, ou ainda na linguagem que produz e transmite esses saberes como prescritos.

Desde a apresentação da obra, reconhece-se tal perspectiva, na medida em que a produção do espaço conduzida pelos moradores é valorizada enquanto referência alternativa aos projetos arquitetônicos, às formas de legislação e às políticas de planejamento. A inversão é importante: o conhecimento já não desce exclusivamente do plano ao território, movimentando-se das práticas aos dispositivos técnicos. Entretanto, a direção final do movimento continua sendo a disciplina científica e a política. Experiências observadas se convertem em exemplo na medida em que são tratadas como referências ao projeto e ao planejamento, e não porque obrigam a revisar o estatuto dessas categorias ou a posição de autoridade pela qual são formuladas. Aprender com os subúrbios, nesse sentido, significa aprender algo a fim de retornar ao urbanismo e aperfeiçoá-lo.

Tal limite não apaga a riqueza do percurso empírico. A pesquisa resulta de uma agenda desenvolvida no campo do urbanismo e amadurecida desde a tese de doutorado defendida em 2019, dedicada às relações entre moradia e trabalho em diferentes contextos urbanos. O recorte carioca ganhou tratamento específico em estudo posterior a partir de três fragmentos urbanos da Zona Norte, dois em Irajá e um em Encantado, nos quais certas residências incorporam atividades comerciais, produtivas e de serviços. O livro amplia essa observação e se concentra nas transformações das casas, em seus limiares com a rua e nas relações entre tecido urbano, circulação, comércio e vida doméstica. Não se trata, portanto, de uma abstração sobre o subúrbio carioca, mas de uma leitura apoiada em situações concretas e atravessadas por transformações materiais cuidadosamente descritas.

A metodologia combina observação morfológica, leitura do tecido urbano, identificação de usos e atenção às práticas que alteram o ambiente construído. Casas, garagens, quintais, varandas, muros, portões, calçadas, ruas e quadras formam uma gramática por meio da qual se observam gradações entre público e privado. A inspiração em *Quando a rua vira casa*, de Carlos Nelson Ferreira dos Santos e Arno Vogel, é decisiva porque impede que a arquitetura seja tomada como objeto autônomo. Ao invés disso, forma, atividade e valor são aproximados, permitindo que dispositivos aparentemente banais sejam percebidos em atravessamento por relações sociais. A garagem convertida em comércio, o cômodo que passa a acolher trabalho e o portão que se abre para atendimento são lidos

como intervenções capazes de modificar simultaneamente a economia doméstica, a circulação na cidade e a relação entre casa e rua.

É nessa escala que o livro apresenta seus resultados mais convincentes. A separação rígida entre morar e trabalhar encontra nesses territórios uma série de contornos práticos. Pequenos comércios, oficinas, serviços pessoais, atividades produtivas e negócios domésticos se instalam em residências e produzem situações que não se deixam classificar por meio de usos exclusivos. A autora demonstra que tais combinações podem reduzir deslocamentos, ampliar a disponibilidade de serviços, atrair pedestres e produzir relações mais graduais entre espaço privado e espaço público. Também mostra que a distribuição dessas atividades depende da configuração das ruas, dos fluxos existentes e da presença ou ausência de centralidades próximas. A transformação da casa aparece, assim, conectada a escalas mais amplas da vida metropolitana.

É justamente quando essas observações são convertidas em lições urbanísticas que se torna mais visível o desafio de superação do urbanismo como dogma. A proximidade entre moradia e trabalho é positivamente reconhecida, uma vez que responde à excessiva distância funcional entre a moradia e seu nicho comercial e de serviços. A diversidade de usos interessa porque corrige a monotonia dos tecidos residenciais; a abertura da casa para a rua ganha valor porque aumenta a vitalidade e a sociabilidade; a flexibilidade das adaptações se torna virtude diante da rigidez normativa. Em todos esses casos, a experiência suburbana é lida enquanto resposta a um problema previamente enunciado pela disciplina. A rua precisa ser vital, os usos têm de se mostrar diversos e os deslocamentos devem ser reduzidos. O livro altera o repertório de soluções, sem revisar, entretanto, os critérios prescritos da boa experiência urbana.

Críticas formuladas ao "pensamento único" ajudam a compreender essa dificuldade. A renovação de vocabulários, métodos ou referências não significa mudança sobre os pressupostos do planejamento. A cidade pode deixar de ser tratada como máquina funcional para ser apresentada como empresa, mercadoria, espaço competitivo ou território criativo, sem alterar a crença em uma suposta racionalidade técnica capaz de lidar com seus problemas e direcioná-la a futuros desejáveis (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2000).

Mais importante para um caso brasileiro, a distinção entre uma cidade reconhecida por planos e normas e outra produzida fora deles sempre revelou que a legalidade não é apenas desobedecida, sendo ela mesma constitutiva daquilo que se revela "informal", "irregular" ou "fora do lugar". A categoria "informalidade" exemplifica tal operação. Ao classificar certo uso como informal, supõe-se a existência de uma ordem formal pela qual ele é medido. Do mesmo modo, dizer que moradia e trabalho "se misturam" induz à ideia de que suas funções fossem originalmente separadas e que tal combinação demande explicação. As práticas observadas por Slade podem sugerir uma interpretação mais radical: a separação entre esses domínios é historicamente específica, vinculada a projetos de cidade e não a uma propriedade da vida urbana em si. Nesse caso, aprender com os subúrbios não apenas permite flexibilizar o zoneamento a fim de admitir usos mistos, mas interrogar a matriz que transforma em exceção as formas de vida nas quais produção, reprodução, sociabilidade e moradia nunca estiveram inteiramente separadas.

A formação histórica dos subúrbios cariocas reforça tal argumento. A expansão ferroviária, a industrialização, as políticas habitacionais e a diferenciação socioespacial constituíram, ao longo do tempo, formas urbanas nas quais trabalho e residência estiveram profundamente relacionados. A reconstrução da evolução urbana do Rio de Janeiro mostra que a expansão para os setores norte e oeste não pode ser lida apenas como crescimento físico, pois esteve vinculada à distribuição desigual de infraestrutura, população e atividades econômicas (ABREU, 1987). Estudos sobre Bangu, Quintino

e outras áreas suburbanas demonstram, em registros distintos, que fábrica, ferrovia, moradia e cotidiano participaram conjuntamente da formação desses territórios (OLIVEIRA; FERNANDES, 2010). O que hoje aparece como hibridização entre morar e trabalhar possui uma historicidade que ultrapassa a adaptação contemporânea da casa, portanto.

A história da categoria "subúrbio", no Rio de Janeiro revela uma transformação semântica pela qual o termo deixou de designar os arredores da cidade para ser associado aos bairros populares atravessados por ferrovias e situados sobretudo nos setores norte e oeste. Com o tempo, a classificação espacial passou a ser também tipificação social da metrópole, incorporando ideias de distância, pobreza, trabalho popular e ausência de atributos de modernidade urbana (FERNANDES, 2011). O subúrbio, assim, não existe apenas como morfologia ou localização: é também resultado de processos de nomeação que produzem diferenças na cidade.

Na pesquisa de Slade, a seleção de três fragmentos dos subúrbios cariocas se justifica por sua diversidade geográfica, histórica e urbana. Contudo, se os subúrbios são heterogêneos, como podem produzir um aprendizado comum à cidade e ao urbanismo? A resposta do livro está menos apoiada em uma unidade territorial que na recorrência de certas práticas: a aproximação entre moradia e trabalho, a transformação incremental das edificações e a permeabilidade variável entre casa e rua, em grande parte constituídas a partir de loteamentos privados entre o final do século XIX e meados do século XX.

Ainda assim, chamar essas casas e ruas de "suburbanas" associa tais práticas a um repertório historicamente carregado de símbolos e imaginários. A análise da categoria nas Ciências Sociais demonstrou que o "subúrbio carioca" foi repetidamente transformado em alegoria: ora lugar da autenticidade popular, ora da resistência, ora da tradição, ora da diversidade cultural. A escrita acadêmica tem participado desse processo não porque apenas descreve territórios, mas porque, ao fazê-lo, organiza diferenças culturais e produz afirmações mais amplas sobre a cidade e seus viventes (GUIMARÃES; DAVIES, 2018).

Pensar o que se afirma a partir do uso de categorias socioespaciais deve ser uma atitude de atenção de investigadores do urbano. Além disso, outro cuidado epistemológico está nas "novidades" trazidas ao repertório disciplinar por meio dos *nativos*, sem modificar a hierarquia de poder entre quem conhece e quem fornece matéria ao conhecimento. Moradores são elevados à condição de produtores do espaço, mas não costumam atuar como intelectuais dos conceitos sobre esses mesmos espaços. Ainda que suas práticas sejam consideradas inteligentes, assim não é entendida a interpretação que sustenta essa inteligência e a partir da qual seus elementos podem ser generalizados. Uma perspectiva crítica à colonialidade dispensa idealizações em torno dos saberes locais, assim como não pressupõe ignorar as contradições de tais processos, mas privilegiar um debate sobre o deslocamento e a distribuição dessa autoridade (NAME, 2021). O desafio está em reconhecer que experiências suburbanas não fornecem apenas dados ou soluções, mas que contêm em si mesmas classificações, critérios, memórias, valores e teorias pertinentes sobre a cidade.

Sem desafiar o cânone, o ato de aprender com os subúrbios encontra limites: a casa suburbana até pode ensinar ao urbanismo, mas, no final, é este o conhecimento que transforma essa experiência em lição. Aqui a geosofia pode oferecer uma inflexão epistemológica alternativa. Em 1947, ao formular a ideia de geosofia como estudo do conhecimento geográfico produzido por todas as pessoas, o estadunidense John Kirtland Wright abriu espaço para considerar percepções, imaginações e saberes não especializados enquanto componentes legítimos da compreensão espacial (WRIGHT, 2014).

As geosofias ajudam a evitar a substituição de uma autoridade por outra. Não se trata de declarar que o saber cotidiano seja intrinsecamente superior ao técnico, nem de transformar o subúrbio em reserva de autenticidade da vida urbana. Geosofias podem ser conflitivas, conservadoras, inventivas e contraditórias. Além disso, estão necessariamente atravessadas por desigualdades de diferentes marcadores sociais, o que nos leva a considerar de antemão que não existe uma linguagem disciplinar capaz de traduzir todas as experiências urbanas em um quadro comum. Ao invés disso, diferentes sujeitos produzem maneiras próprias de conhecer e grafar a cidade. Moradores, comerciantes, trabalhadores, planejadores, arquitetos, artistas, pesquisadores e movimentos sociais não apenas ocupam posições distintas no espaço, mas produzem descrições e critérios distintos sobre o que esse espaço é e deve ser.

Sob essa perspectiva, o gesto de "aprender com" pode ser radicalizado. Aprender deixa de significar identificar práticas locais que confirmem agendas contemporâneas de mistura de usos, princípios de cidades sustentáveis ou qualquer medida de vitalidade urbana. Em substituição, passa a implicar disposição para que tais práticas desorganizem as categorias pelas quais têm sido analisadas. Uma residência que seja local de trabalho não chega a ser uma exceção híbrida entre duas funções, mas evidência de que a separação foi sempre uma construção particular. Uma rua apropriada "informalmente" não é uma versão imperfeita do espaço público, mas parte de outro regime de uso. Os subúrbios cariocas não são territórios dos quais se tomam lições, mas a partir dos quais possibilidades distintas de pensar a cidade podem ser formuladas.

É nesse sentido que desafiar o urbanismo a fim de aprender com os subúrbios demanda uma preocupação maior do que ampliar seu repertório disciplinar. Exige reconhecer que o problema não está apenas nas respostas que a disciplina ofereceu historicamente, mas também na formulação das perguntas, na atitude classificatória e hierarquizadora entre os modos de viver a cidade e naquilo que se torna elegível para este campo de conhecimento.

*Aprendendo com os subúrbios cariocas* realiza um movimento importante ao colocar práticas ordinárias no centro da reflexão e ao recusar que elas sejam tratadas apenas como inadequação. Sua maior potência para o debate está em revelar quão difícil é transformar essa aproximação em deslocamento epistemológico. O livro chega à fronteira desse problema sem atravessá-la.

Talvez seja justamente aí que a Geografia possa oferecer uma interlocução produtiva. A historicização do subúrbio, a crítica às alegorias que estabilizam sua diferença, a analítica da colonialidade e a recuperação das geosofias apontam para novas grafias da cidade — formas de escrita que não tomam o território popular apenas como objeto a ser conhecido, nem laboratório de soluções a uma teoria preservada. Se o desafio é aprender com os subúrbios, o aprendizado mais consequente se inicia quando a disciplina aceita desaprender com as categorias que os constituíram como seu outro. Desafiando o urbanismo, novas grafias de cidade podem surgir não apenas dos subúrbios, mas a partir deles.

## Referências

ABREU, M. A. (1987) *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar.
ARANTES, O. B. F.; VAINER, C. B.; MARICATO, E. (2000) *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes.
CARNEIRO, S. S.; MATTOSO, R. (orgs.). (2023) *Subúrbios: espaços plurais e múltiplos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Autografia. 323 p.
CLIFFORD, J. (2011) Sobre a alegoria etnográfica. In: CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 63-99.
DAVIES, F. A.; FREIRE-MEDEIROS, B. (2025) O subúrbio que o Rio de Janeiro inventou: mobilidades imaginativas em torno de uma alegoria da cidade. *Laje*, v. 4, n. 1, p. 72-101. DOI: 10.9771/lj.v4i0.70755.
FERNANDES, N. N. (2011) *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro, 1858-1945*. Rio de Janeiro: Apicuri.
GUIMARÃES, R. S.; DAVIES, F. A. (2018) Alegorias e deslocamentos do "subúrbio carioca" nos estudos das Ciências Sociais (1970-2010). *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 2, p. 457-482. DOI: 10.1590/2238-38752017v825.
NAME, L. (2021) Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões espaciais básicas e em arquitetura. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, v. 28, n. 52, e176627. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.psrevprogramapsgradarquiturbanfauusp.2021.176627.
OLIVEIRA, M. P.; FERNANDES, N. N. (orgs.). (2010) *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ; EdUFF.
RIBEIRO, R. C. B. (2016) *Rizomas suburbanos: possíveis ressignificações do topônimo Subúrbio Carioca através dos afetos*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – PROURB/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro.
SANTOS, C. N. F.; VOGEL, A. (1985) *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3. ed. São Paulo: Projeto. 156 p.
SLADE, A. (2019) *A cidade a partir das relações entre moradia e trabalho: um olhar sobre duas Américas*. Tese (Doutorado em Urbanismo) – PROURB/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro.
SLADE, A. (2021) Arquitetura para moradia e trabalho: estudo de casos nos subúrbios cariocas. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, v. 20, n. 2, p. 58-89. DOI: 10.5935/cadernospos.v20n2p58-89.
SLADE, A. (2025) *Aprendendo com os subúrbios cariocas*. Rio de Janeiro: Rio Books. 188 p.
WRIGHT, J. K. (2014) Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. *Geograficidade*, Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18. DOI: 10.22409/geograficidade2014.42.a12896.